



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 8

Tem "boi na linha"

Antonio Delfim Netto: É o que eu sempre digo: o Brasil não precisa de economistas, [...] o Brasil precisa de um antropólogo pra dizer quem ele é.

Giovana Girardi: Esse aí dizendo que o Brasil não precisa de economistas... é o economista Antonio Delfim Netto – o ministro todo-poderoso do "milagre econômico" da ditadura militar.

O Delfim já apareceu aqui no quarto episódio, falando de Transamazônica, e no sexto episódio, falando de Belo Monte.

Aliás, se você tá chegando por aqui agora, eu recomendo muito que você volte lá e escute todos os episódios na ordem.

Antonio Delfim Netto: Nós não precisamos de economistas, [...] nós precisamos [...] de um antropólogo, [...] de um [...] psicólogo [...], um homem capaz de nos dizer quem nós somos

Giovana Girardi: Quem que o senhor acha que nós somos? [...]

Antonio Delfim Netto: Nós somos isso que nós tamo vivendo, isso que nós tamos discutindo... Ninguém tem 57 milhões de votos gratuitamente.

Giovana Girardi: O que a gente tava discutindo, naquela altura da conversa, era o desmonte da política ambiental no Brasil durante o governo Bolsonaro.

Giovana Girardi: O senhor acha que, no final das contas, o brasileiro... médio, ele é uma... ele é uma pessoa que apoia essa destruição?

Antonio Delfim Netto: Eu acho que sim... Tanto é verdade, que ele tem o núcleo forte, não adianta a gente ficar triste.

Giovana Girardi: Eu entendo o ponto do Delfim. É difícil mesmo não achar que quem votou no Bolsonaro não concorda, em algum nível, com as visões anti-ambientais dele.

Mas decifrar a opinião do brasileiro em geral parece ser um pouco mais complicado que isso. E não é que eu esteja sendo "negacionista", que não tô querendo encarar fatos difíceis de engolir.

É que tem uma quantidade grande de dados que dizem o contrário do Delfim nessa. Ele acha que o Brasil precisa de um psicólogo, de um antropólogo pra dizer quem ele é... e o que não falta é pesquisador sério analisando quem é o brasileiro e o que ele pensa... e pesquisa de opinião tentando quantificar isso.

Um exemplo é uma pesquisa realizada pelo Ipec – o Inteligência em Pesquisa e Consultoria – que foi divulgada em março de 2022 sobre a percepção do brasileiro em relação às mudanças climáticas.

Mais de 80% dos entrevistados dessa pesquisa disseram que o aquecimento global é muito importante. Mais de 60% disseram que são muito preocupados com o problema.

E 75% disseram que acreditam que o aquecimento global pode ser muito prejudicial pra eles e pra família deles.

Isso é bastante coisa, né? E esses resultados nem são novidade pra quem acompanha esse tipo de pesquisa.

Em geral, os brasileiros costumam ficar entre os povos mais preocupados do mundo com o problema. Os dados todos dessa pesquisa do Ipec – e vários materiais adicionais aqui da apuração – são lá no site do Tempo Quente.

Mas eu queria destacar só mais um dado aqui, porque ele particularmente me chama atenção...

Quando perguntados se prefeririam a proteção do meio ambiente mesmo que isso significasse menos crescimento econômico e menos empregos, quase 80% dos entrevistados disseram que sim.

Eu pensei muito sobre esses resultados ao longo da apuração desse podcast.

Porque, depois de tudo o que a gente discutiu aqui, fica difícil não "fechar nessa" com o Delfim – de que a maior parte da população de alguma maneira concorda com a destruição do meio ambiente.

Ou que, pelo menos, não se importa tanto assim com ela...

Mas então como é que a gente explica os resultados dessas pesquisas??

Uma pergunta que fica é: se o brasileiro é assim tão preocupado com o ambiente e o clima, como foi que a gente chegou a essa "conjunção de fatores" tão na contramão da emergência climática?

Será que as pessoas não tão vendo o que tá rolando? Ou será que elas não tão ligando os pontos, não entendem o que tá acontecendo como destruição?

Cê concorda que tem "boi na linha" aqui?

Tentar entender essa aparente incoerência é um passo importante pra mudar a direção das coisas.

Eu sou Giovana Girardi, e esse é o oitavo e último episódio de Tempo Quente, um podcast original da Rádio Novelo.

Déborah Danowski: eu tive esse mesmo pensamento, várias vezes, em relação a essas pesquisas. 90% dos brasileiros estão preocupados com a Amazônia... Eu não acredito – não é que eu não acredite e ache que foi falseada a pesquisa, mas por experiência própria.

Giovana Girardi: Essa é a Déborah Danowski. Ela é professora da pós-graduação em filosofia da PUC do Rio de Janeiro.

Déborah Danowski: Inclusive na Universidade, você pergunta pra uma turma na graduação, sobre o aquecimento global, a ideia que eles fazem do aquecimento global é muito inconsistente, não sabem o que é o IPCC, não sabem o que são os combustíveis fósseis, quê que é isso? Elas se preocupam de uma maneira muito abstrata com o meio ambiente.

Giovana Girardi: Uma preocupação "abstrata". Isso parece uma pista...

José Augusto Pádua: Eu me pergunto qual é o grau de entendimento que elas têm do que seja questão ambiental ou problemática ambiental.

Giovana Girardi: Eu chamei mais um universitário pra essa conversa: o historiador José Augusto Pádua.

José Augusto Pádua: Em uma série que começou a ser feita em 1992, que chamava "O que o brasileiro pensa do meio ambiente", essa série eu acompanhei durante o tempo que ela durou, ela era feita em cada cinco anos, quando você perguntava o que fazia parte do meio ambiente, aparecia os oceanos, aparecia as florestas, mas quando se perguntava em relação às cidades, por exemplo, caía para 19%. Só 19% das pessoas achavam que as cidades faziam parte do meio ambiente. E só cerca é... de 10% achavam que as favelas faziam parte do meio ambiente. Essa ideia de que o meio ambiente é o que tá lá longe.

Giovana Girardi: "O meio ambiente é o que tá lá longe".

A preocupação é abstrata – e o próprio entendimento do que é meio ambiente é confuso.

O Pádua é professor do Instituto de História da UFRJ, e coordenador do Laboratório de História e Natureza.

Nas várias linhas de pesquisa dele, o Pádua tenta dissecar o que tá por trás dessa confusão.

E uma hipótese que ele desenhou talvez esteja na raiz de tudo isso que a gente tá falando:

"O mito da natureza inesgotável".

José Augusto Pádua: O fato que eu chamo do mito da natureza inesgotável... Desde o período colonial, desde a América portuguesa que... é claro que houve um esforço muito grande de ocupação do interior, né? Mas eram poucas pessoas. O conjunto da população que vivia no território da América portuguesa era uma população muito menor. Quando o Brasil se torna independente, em 1822, era uma população de uns quatro e meio milhões de pessoas. E o território já era praticamente do tamanho atual. As pessoas tinham uma sensação de natureza ilimitada, infinita, né? Você olhava aquela Mata Atlântica, ainda 90% da Mata Atlântica, parecia um oceano de árvores, né, sem limites.

Giovana Girardi: Quer dizer: naquela altura, sem o tanto de conhecimento, georreferenciamento, dados de série histórica, imagens de satélite etc que a gente tem hoje... até dá pra entender que aquele "tântico" de gente olhasse praquela "tantão" de floresta... e entendesse que ela era infinita.

Só que essa ideia não desapareceu com o aumento da população...

Nem com os dados cada vez mais precisos.

José Augusto Pádua: [...] no século 20, em que a economia e a população do Brasil cresceu muito, aí começou um avanço na direção do Cerrado, na direção da Floresta Amazônica, que eram áreas pouco ocupadas [...] há uma certa sensação de que a natureza é inesgotável. Você pode usar, pode usar, pode usar, que sempre vai ter mais.

Giovana Girardi: Só que não, né?

E o curioso é que, na verdade, essa ideia tá ainda mais disseminada agora.

José Augusto Pádua: Coisas que a gente ouvia lá na década de 60. Esse retrocesso me surpreendeu, né? Porque ao longo da década de 90, principalmente nas primeiras décadas agora do novo século, aconteceram muitos estudos, muitas discussões e os vários setores da sociedade, da política, tavam meio que começando a concordar que não fazia sentido destruir a Floresta Amazônica pra colocar gado ou pra... ou pra qualquer tipo de atividade assim de menor relevância pro desenvolvimento real do país, né? Qual é a relevância de... da exploração ilegal? Aquilo é criminalidade. Não há nada ali que fique seguro, consolidado, assentado em termos de desenvolvimento, né? É arrancar o que for possível no curto prazo porque é ilegal. O garimpo ilegal tá buscando só o curtíssimo prazo.

Giovana Girardi: Esse "caldo de cultura" todo do brasileiro, que já era bem complicado... agora, no governo Bolsonaro, ganhou uma dose mais farta ainda de confusão e de desinformação.

José Augusto Pádua: [...] o Bolsonaro e aquele grupo ali em torno deles, inclusive aqueles militares, estão ligados a uma visão que era discutida lá nos anos 70. Eles ficaram apegados a uma visão dos anos 70, que era essa visão da ocupação a qualquer preço, que o mais importante era ocupar, ocupar e... E que o grande problema era o vazio, né, da... por exemplo, da Amazônia ou do litoral. E isso é uma... uma visão atrasada, que veio mudando no mundo inteiro. E eles continuam apegados àquela visão atrasada, inclusive à visão do mito da natureza inesgotável, não é?

Giovana Girardi: Essa ideia – às vezes até mesmo inconsciente – de que a natureza é inesgotável, de que sempre vai ter mais...essa ideia ainda tá bem acesa – mesmo pra quem acha que a natureza é importante.

José Augusto Pádua: Trabalhando na Amazônia, eu ouvia sem parar essa frase: "Tem muito mato. Tem muito mato aqui, não sei porque vocês tão preocupados".

Giovana Girardi: Eu também ouvi isso de muita gente ao longo da apuração do Tempo Quente. Só pra citar um exemplo: lembra do Valmir Climaco, o prefeito de Itaituba? Vai um flashbackzinho do episódio 3.

Valmir Climaco: Nós, aqui, respira um ar puro, nós estamos no meio da Amazônia. Esses buraquinhos véio que fizeram aí de desmatamento é muito pequeno pro tamanho da Amazônia que nós temos.

Giovana Girardi: Ok, um prefeito de uma cidade no coração da Amazônia, que tem toda a oportunidade de se informar, que tem acesso a pesquisas, que frequenta reuniões, que é cobrado... não tem desculpa pra dizer que não sabe.

Bom, a gente viu lá no episódio 3 que, no caso do Climaco, fechar os olhos pra realidade é má-fé, mesmo. E uma convivência com atividades que degradam o ambiente.

Mas tem muita gente que cai nessa por falta de informação.

E, quando a gente não tem acesso à informação, a gente se fia em quê? Nos nossos sentidos... no que a gente vê, no que a gente sente... no máximo no que a gente testemunha acontecendo com os outros.

Por exemplo: se você não se informa sobre a pandemia, não acompanha os dados da Covid no Brasil, e se ninguém que você conhece morreu de Covid, até faz algum sentido você acreditar que ela não passa de uma "gripezinha".

Principalmente se tiver alguma autoridade reforçando essa ideia.

Com a destruição da Amazônia é a mesma coisa. Até por uma outra questão bem psicológica – pra citar o Delfim: essas verdades muitas vezes são inconvenientes.

Mais um flashback, agora do segundo episódio.

Raoni Rajão: Imagina: todos os médicos dizem que você tem pressão alta, você tem diabetes, você tá hipertenso, tem de parar de beber, parar de comer comida com gordura. [...] Aí de repente ela vai num especialista que diz pra ele: "não, olha só, poxa, não se preocupe, você pode continuar com a sua cerveja, pode continuar com a sua picanha que você vai viver até os 120 anos". Quem a pessoa vai querer ouvir?

Giovana Girardi: Esse é o Raoni Rajão, pesquisador da federal de Minas Gerais. E não sei se você lembra, mas ele tava falando do Evaristo de Miranda – o agrônomo e pesquisador da Embrapa que acabou virando o "guru agro" do bolsonarismo.

Aquele que fornece dados "sob medida" pro agronegócio brasileiro sustentar a narrativa de que o país preserva demais... e tá ficando sem espaço pra agropecuária.

Raoni Rajão: [...] ele faz esse papel que traz aquela voz que traz conforto [...] ele organiza esse tipo de narrativa. [...] Se o agronegócio está caminhando na direção do agrossuicídio, o Evaristo de Miranda está tocando a flauta, atraindo as hordas na direção do precipício.

Giovana Girardi: Lá no segundo episódio, eu falei que o Evaristo não topou me dar entrevista... mas que a gente ia poder ouvir as ideias dele na voz dele porque ele fala muito em eventos do agronegócio...

Ele fala um bocado também em certos círculos militares... e foi destaque numa série de webinars do Instituto General Villas-Bôas, do ex-comandante do Exército brasileiro, que aconteceram no fim de 2021.

Só que o Evaristo de Miranda não foi o único convidado.

A série tinha como objetivo discutir, entre aspas, *“uma moderna visão da plataforma geopolítica da Amazônia e as ações estratégicas pra defesa dos interesses nacionais na questão ambiental”*.

Mas, na verdade, foi um verdadeiro Lollapalooza do negacionismo brasileiro. Tavam ali reunidos os maiores teóricos da conspiração antiambientalista do Brasil.

E eu parei tudo que eu tava fazendo pra assistir, porque eu suspeitava que mais uma chave dessa relação ambígua do brasileiro com o meio ambiente tava ali.

"Ali" não no webinar do Instituto Villas-Boas, exatamente. Não só, pelo menos.

Mas em toda essa onda de alçar ao posto de "autoridade" uma meia dúzia de cientistas controversos e negacionistas que até outro dia tavam nas sombras...

O webinar do Instituto Villas-Boas reuniu figuras que eram quase anedóticas no Brasil e que não têm nenhuma credibilidade na academia científica brasileira.

Além do Evaristo, outro destaque no "line-up" do webinar foi o meteorologista aposentado Luiz Molion – que é uma espécie de "decano" dos negacionistas do clima do Brasil.

Só que, no evento, ele foi apresentado como “um grande nome da climatologia brasileira”.

Luiz Molion: Vou falar sobre o clima global e essa história que antes era aquecimento. Mas como faz 30 anos que não está aquecendo agora mudaram de seis para meia dúzia. Agora é mudanças climáticas.

Giovana Girardi: Esse é o Molion, logo no começo da apresentação dele.

Luiz Molion: Então nos chamam de negacionistas. Eu nunca neguei que houve um aquecimento de 76 até 2005. A diferença básica é que o IPCC, o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, atribui

isso ao aumento de CO2, quando, na realidade, o aumento de CO2 é uma consequência do aquecimento. Existiu o aquecimento? Existiu. E depois de 2000, praticamente a temperatura permaneceu inalterada. O fato é que nesses últimos 20 anos não houve aquecimento nenhum.

Giovana Girardi: Cinco minutos ouvindo o Molion e eu já tava confusa. Primeiro ele diz que faz 30 anos que não tá aquecendo...

Depois diz que nunca negou aquecimento entre 76 e 2005...

Depois que não houve nenhum aquecimento nos últimos 20 anos...

Se você tá acompanhando o raciocínio, já viu que nem a própria conta dele fecha, né?

Mas isso, de verdade, pouco importa, porque a base do que ele diz tá errada.

Não faltam organizações pra atestar isso, no mundo todo.

A Nasa, a agência oceânica e atmosférica dos Estados Unidos, o Programa de Observação da Terra da União Europeia – todas elas chanceladas pela Organização Meteorológica Mundial da ONU – contradizem a crença do Molion.

A temperatura média do planeta tá, sim, subindo. E os últimos sete anos, de 2015 a 2021, foram os sete anos mais quentes do registro histórico.

Bom, mas não parou por aí, né?

No dia seguinte, a grande estrela do webinar era uma figura pouco conhecida até pra quem acompanha as notícias de meio-ambiente... mas que, por outro lado, é bem influente nos círculos militares: o geólogo Geraldo Saraiva Lino.

O Lino é coautor do livro "Máfia Verde", que diz que o ambientalismo é uma conspiração internacionalista pra criar um "governo global" e acabar com a soberania dos países.

Ele também escreveu um livro chamado "A fraude do aquecimento global".

No webinar, o Lino mandou essa:

Geraldo Saraiva Lino: Um conceito que eu quero deixar claro aqui, que vocês fixem bem, é que: assim como a agenda climática é política, também não existe emergência climática, não existe crise ambiental. Existe alguns problemas ambientais mais amplos, como a poluição dos oceanos. Mas isso é outra história. Nada que isso represente antessala do apocalipse, como querem nos fazer crer.

Giovana Girardi: "Não existe emergência climática, não existe crise ambiental".

Em 2018, o Geraldo Lino teve nos bastidores de uma celeuma que quase tirou o Brasil do Acordo de Paris — aquele compromisso internacional assinado em 2015 em que praticamente todos os países do mundo concordaram em se esforçar pra reduzir as emissões de gases de efeito estufa pra conter o aquecimento do planeta.

E como é que ele aprontou essa?

Naquele ano, durante o período eleitoral, o Lino e a turma dele começaram a fazer barulho entre meios militares com um artigo que tinha sido publicado em 2015 no site do "Movimento de Solidariedade Ibero-Americana", que é uma espécie de think-tank conspiracionista — do qual ele mesmo é um dos fundadores.

Nesse artigo, o site "denunciava" que um plano do então presidente da Colômbia, o Juan Manuel Santos, era uma "ameaça à soberania nacional".

A proposta, que na verdade era de uma ONG ambiental colombiana, que o Santos abraçou... —

era criar um corredor ambiental internacional ligando a cordilheira dos Andes ao oceano Atlântico, cruzando a Amazônia.

Andes-Amazônia-Atlântico... Daí o plano ter sido batizado de "corredor AAA", ou "Triplô A".

A ideia era conectar áreas protegidas que já existem nos países amazônicos. Ou seja, criar corredores ecológicos entre elas, faixas pra aumentar a conexão dos ecossistemas por meio das quais a biodiversidade pudesse se locomover.

Mas pro Geraldo Lino, a proposta era um ultraje: pra ele, o plano ia tirar um naco da região norte do Brasil dos domínios nacionais.

Bom... o artigo foi parar na mão de generais próximos do então candidato Jair Bolsonaro — entre eles o próprio Villas-Bôas — o dono do Instituto que tava chamando o Lino agora pro webinar.

Só que lá em 2018, no meio desse telefone-sem-fio negacionista, em algum momento foi incorporada a informação falsa de que o Triplô A tinha sido firmado no... Acordo de Paris.

E isso acabou virando um imbróglio maior porque o Michel Temer, que ainda tava no poder, tinha oferecido o Brasil como sede da conferência anual do clima da ONU de 2019.

Só que aí, assim que ele foi eleito, ainda em novembro de 2018, o Bolsonaro...

Repórter: [...] disse que participou de uma decisão anunciada pelo atual governo de Temer: o Brasil desistiu de sediar a Conferência das

Nações Unidas sobre mudanças climáticas, marcada para novembro do ano que vem. A decisão gerou críticas de ambientalistas.

Bolsonaro: Eu recomendei que evitasse a realização desse evento aqui no Brasil. Até porque está em jogo o Triplo A nesse acordo. O que é o Triplo A? É uma grande faixa que pega do Andes, a Amazônia e Atlântico, de 136 milhões de hectares, que poderá fazer com que percamos a nossa soberania nessa área.

Giovana Girardi: Nessa onda, o Bolsonaro foi além – e ameaçou tirar o Brasil do Acordo de Paris.

Bom, não custa reforçar de novo que o Triplo A não tinha nada a ver com o acordo climático. O Juan Manuel Santos até queria propor que o tal corredor fosse incluído como uma meta conjunta da Colômbia, do Brasil e da Venezuela, mas isso só ficou no campo das ideias dele mesmo.

A neura de Bolsonaro foi uma pirada na batatinha em cima de uma pirada na batatinha. Mas essa ideia maluca, de que um corredor ecológico significa interferir na soberania nacional – que em qualquer governo normal não ia chegar nem no gramado da Esplanada dos Ministérios –, no governo Bolsonaro por pouco não virou um desastre diplomático histórico.

Esse webinar do Instituto Villas Bôas acabou sendo muito ilustrativo pra entender essa virada de chave do negacionismo brasileiro.

Porque ele reuniu várias das forças que criam a tensão entre o Brasil e o patrimônio natural. Essa mesma tensão que a gente viu várias vezes aqui ao longo do Tempo Quente.

Quer dizer, ele foi:

- realizado por generais;
- prestigiado pelo vice-presidente da República, o general Hamilton Mourão;
- e patrocinado pela Confederação Nacional da Indústria.

O negacionismo nunca teve tanto peso quanto no governo Bolsonaro.

Esse governo decantou uma horda de negacionistas de várias frentes diferentes... pessoas que já tavam aí circulando, gerando desinformação... mas que tinham muito menos holofote em cima delas.

Deborah Danowski: você tem razão, até pouco tempo atrás nós não víamos aqui no Brasil essa atitude, que era muito óbvia nos Estados Unidos.

Giovana Girardi: Aqui de volta a filósofa Déborah Danowski.

Deborah Danowski: Mas tanto é importante, que agora nós vemos tudo isso ressurgir ao mesmo tempo. Né?

Giovana Girardi: A Déborah vem se dedicando nos últimos anos justamente aos negacionismos. "Negacionismos". Assim mesmo, no plural.

E quando ela fala que “nós vemos tudo isso ressurgir ao mesmo tempo”, ela tá se referindo ao fato de que a ciência como um todo virou alvo nesse acirramento da polarização do país.

Deborah Danowski: [...] negacionismo que agora tem todo o contexto para vir para o primeiro plano, para a superfície. O Molion já estava lá, como que esperando o seu ambiente, digamos assim, apropriado.

Giovana Girardi: O Molion é o meteorologista Luiz Molion – aquele que dizia que o mundo não tá esquentando há 30 anos – ou 20? – Sei lá... Aquele cálculo maluco dele.

E o "ambiente apropriado" que trouxe o Molion pro primeiro plano, claro, é o governo Bolsonaro.

Deborah Danowski: Ele, não sei se você lembra, no início do governo Bolsonaro, ele e mais alguns [...] escreveram uma carta, acho que ao Ministro do Meio Ambiente, ao ministério, digamos, do Bolsonaro, já sugerindo que você tinha esses “aquecimentistas”, que iam dizer que era preciso regular as emissões de dióxido de carbono, e como isso custaria muito a economia do país.

Giovana Girardi: De novo esse termo "aquecimentistas" aparece aqui!

Acho até que eu vou adotar...

Essa carta que a Déborah tá falando foi enviada pelo Molion, pelo Lino e por mais alguns cientistas "obscuros" no começo do mandato do Bolsonaro pro então ministro do Meio Ambiente — o Ricardo “vamo-passando-a-boiada” Salles.

Além do Salles, outros ministros de pastas estratégicas pra questão climática também receberam a carta, tipo: Agricultura, Minas e Energia, Relações Exteriores e Defesa.

Em resumo, a mensagem era a mesma ladainha de que o aquecimento global não existe, etc, etc... e vinha com um alerta.

Abre aspas: “recursos humanos e financeiros têm sido equivocadamente orientados para a agenda da “descarbonização” – e desperdiçados com ela –, particularmente, o Fundo Nacional sobre Mudança Climática.”

Fecha aspas.

Se foi exatamente por causa da carta, eu não sei dizer.

Mas o fato é que o governo Bolsonaro congelou o uso dos recursos do Fundo Clima e também do Fundo Amazônia – e, com isso, paralisou as ações contra as mudanças climáticas e contra o desmatamento no Brasil.

Foi só o começo de uma série de ações contra essas agendas. O governo chegou até mesmo a enfraquecer as metas de redução de emissões de gases de efeito estufa com as quais o país tinha se comprometido no Acordo de Paris.

Quer dizer: até o fim do governo Bolsonaro, vão ter sido quatro anos de retrocesso na luta contra a emergência climática.

E o resultado a gente já conhece, mas não custa repetir: nesse período, o desmatamento e as emissões do Brasil só cresceram.

Não só o país piorou, como piorou também a nossa contribuição pro aquecimento global.

Agora, trazendo presse cenário político a provocação do Delfim de quem é o brasileiro... na véspera de a gente gravar esse episódio, o Datafolha divulgou uma pesquisa que deu um nó na minha cabeça.

Porque eu achava, que nessa altura do campeonato, já era "de conhecimento geral da nação" essa piora recente.

Mas, de acordo com a pesquisa, menos da metade, só quatro em cada dez brasileiros acham que o governo Bolsonaro mais incentiva do que combate as ilegalidades na Amazônia – como a ação de caçadores e pescadores irregulares, a invasão de terras indígenas, o desmatamento e o garimpo clandestino.

Quer outro dado curioso? Uma outra pesquisa de opinião recente deu mais uma prova desse "boi na linha":

De acordo com os resultados de 2022 de uma pesquisa chamada "Barômetro da Confiança", só 26% dos brasileiros dizem confiar em autoridades governamentais, enquanto 48% – quase o dobro – afirmam confiar em jornalistas, e – atenção – 81% dizem que acreditam em cientistas!

Agora... péra. Será que é de confiança na ciência mesmo que a gente tá falando...? Ou esses "anticientistas" também tão entrando no balaio?

José Augusto Pádua: É, a ciência não é uma coisa única. A ciência tem vários caminhos possíveis e... Qual ciência, né?

Giovana Girardi: Claro.

Giovana Girardi: Aqui de novo o historiador José Augusto Pádua.

José Augusto Pádua: Esse movimento antiambientalista ele tem várias correntes, e é claro que o grupo da extrema direita, extrema direita o Trump, o Bolsonaro, né, e outros são influenciados por isso. É todo um discurso que vem sendo construído nas últimas décadas contra o ambientalismo.

Giovana Girardi: Sim, o governo Bolsonaro e outros governos de extrema direita tão totalmente abraçados na anticência e no antiambientalismo.

Nessa polarização recente entre direita e esquerda, a pauta ambiental e a ciência acabaram virando "coisa de esquerdista"...

Marcello Brito: [...] no termo de hoje eu virei comunista, porque é o jeito que eles acham para te tachar.

Giovana Girardi: Mas boa parte dessa neura, como explica o Pádua, nem é exclusividade só da direita. Aqueles livros que o Geraldo Lino escreveu — o “Máfia Verde” e “A fraude do aquecimento global” — também serviram como cartilha pra uma ala da esquerda mais radical.

José Augusto Pádua: Essa literatura, ironicamente, ela pode ser apropriada pela esquerda também. Ela pode ser lida por uma visão de esquerda porque ela é conspiratória contra o grande sistema. Essa coisa do globalismo que eles falam. A tirania ambientalista planetária, globalizada. Então um nacionalista de esquerda, que tá mal informado, não vê que aquilo ali é um monte de besteiras do consenso científico, né? Mas a pessoa que não é bem informada acha que aquilo ali tem fundamento.

Giovana Girardi: Na visão do Pádua, isso aconteceu com um outro personagem que apareceu aqui no segundo episódio do Tempo Quente: o ex-deputado e ex-comunista Aldo Rebelo, que foi o relator da reforma do Código Florestal.

Aliás, o Aldo também foi um dos “especialistas” convidados na série de lives do Instituto General Villas Bôas.

José Augusto Pádua: Então a posição do Aldo Rebelo se entende por aí também, né? Que é uma coisa antinacional, antipatriótica, essa ideia de que o ambientalismo avançou tanto no Brasil que congelou território, né, que criou uma situação intocável, que é um exagero é uma visão atrasadíssima porque, pelo contrário, a vantagem de um país como o Brasil no mundo é que ele tem uma base ecológica ainda muito superior ao que ele precisa pra sua reprodução, né? Então isso gera um ativo ecológico no país que poucos têm. Então pro Brasil, ter esses controles, essas áreas naturais controladas, preservadas, é um ativo pro futuro, né, pra presença do país no planeta, no mundo, nas

relações internacionais. Eles não conseguem entender isso. Eles acham que era melhor... aquilo tá congelado, era melhor transformar uma floresta em gado, em pasto.

Giovana Girardi: Por outro lado, a pauta ambiental não é inerente da esquerda.

Como a gente viu ao longo do podcast, Brasil colônia, Getúlio Vargas e até a ditadura militar já levantaram a bandeira do ambientalismo.

Da mesma forma, a gente viu também que mesmo nesses 30 anos de social democracia, muitas vezes o meio ambiente ficou escanteado como pauta menor, como obstáculo pro "progresso".

Antonia Melo: [...] 2003, com a eleição de Lula, nós imaginávamos que, realmente, [...] ia ter consideração, respeito [...] pelos povos... escutar, enfim. Pois ela não deixou nem eu terminar de falar. Ela deu um murro na mesa e disse: "Belo Monte vai sair".

Giovana Girardi: Ou seja, a relação do brasileiro com o ambiente é meio confusa mesmo. E uma outra explicação pra essa desconexão entre opiniões e ações pode estar na própria natureza do problema. E no próprio avanço do negacionismo. Voltando à Déborah Danowski.

Deborah Danowski: [...] o aquecimento global é um evento enorme tá um ponto no passado, está no presente, e vai se desdobrar completamente no futuro mais próximo e mais distante. Ele acontece de maneiras diferentes pros diferentes pontos de vista, digamos, dependendo de onde você tá geograficamente falando, dependendo da época do ano, então chove demais numa época, faz seca prolongada em outra época, no mesmo lugar ou em lugares diferentes. Se você é um grande agricultor, você vai sentir, ver, alguma coisa, ver parte disso que tá acontecendo, mas vai tentar não ver, não deixar que se veja outras coisas, do que um pequeno agricultor. Se você é um indígena que tá ali lidando diretamente com os ciclos das estações, a relação entre os animais, as festas, os... Né? Os eventos climáticos, você vê de outra maneira. Cada pessoa vê de um jeito, né, tá frio pra um, frio demais. [...] já nos impede de compreender o seu sentido, porque ele tem uma extensão global, tem uma extensão temporal, acontece de maneiras diferentes, em diferentes lugares, para diferentes pessoas. Então, você já tem essa dificuldade [...], tem a negação, a denegação pessoal ou coletiva, também, do que está acontecendo, porque nós não gostamos de ter que pensar no que está acontecendo, no que nos espera, no futuro que aguarda nossos filhos e etc, e os outros seres vivos. [...] e a [...] campanha negacionista que faz com que as pessoas pensem que não é uma coisa tão grave.

Giovana Girardi: Se você chegou até aqui comigo – e, na verdade, antes: se você deu play no Tempo Quente lá no primeiro episódio – é bem provável que você já se interesse por meio ambiente, que já se preocupe com a crise climática. Tô certa?

E é possível que você tenha vontade de fazer alguma coisa.

Ou que já esteja fazendo alguma coisa.

De uns tempos pra cá, o desmonte ambiental e a crise climática acabaram impondo essa pauta no noticiário...

E vira e mexe alguém foca o problema pelo ponto de vista individual.

É o famoso: o que cada um de nós pode fazer?

E aí dá-lhe matéria sobre reciclagem, ecobag, canudo de papel...

"Todos juntos pelo planeta"...mas será que isso basta?

João Hummel: Eu sou favorável ao ambiental. Eu tenho que ter preocupações? Tenho, tá certo? O lixo, a reciclagem, tá certo? Ter preservação de biodiversidades, tudo isso eu sou favorável [...].

Giovana Girardi: Esse aí, o "favorável ao ambiental", à reciclagem, à biodiversidade... é o João Hummel. Lembra dele?

O lobista que fundou o Instituto Pensar Agro, que apareceu aqui no segundo episódio do Tempo Quente?

O Pensar Agro... aquele que fornece toda a base de articulação da bancada ruralista.

Claro que reciclar é importante.

Que não abusar do plástico é importante.

Trocar o carro pela bicicleta, não deixar luz acesa à toa, tudo isso...

Mas um risco dessa ideia da "responsabilidade de cada um" é: puxar pro individual um B.O. que é coletivo.

Deborah Danowski: [...] uma sensação de “tá tudo bem, cada um tem que fazer sua parte, cada um fazendo a sua parte vai dar tudo certo”.

Giovana Girardi: Aqui de novo a filósofa Déborah Danowski.

Deborah Danowski: Enfim, por exemplo, a gente tá vivendo uma crise hídrica agora que não foi causada pelo excesso de consumo por parte de cada um de nós, né, foi em parte consequência já do aquecimento global, porque as secas mais prolongadas são uma dessas

consequências, mas em parte foi causada por má administração no meu ponto de vista, o mais grave são as políticas governamentais, a política econômica, a política industrial.

Giovana Girardi: Quer dizer: olhando no macro, faz muito pouca diferença um grupo pequeno da sociedade civil, de maneira pouco organizada, "fazer a sua parte" no dia-a-dia.

É bacana, ajuda, alivia a consciência... mas não é o que vai resolver o problema de fato.

A gente não pode perder de vista quem é que pode fazer a diferença.

E se tem um setor no Brasil que poderia fazer muita diferença, mas tá em parte escondido sob o véu do negacionismo, é o agro.

A gente falou bastante disso no episódio 2. E o Hummel, que acabou de aparecer aqui defendendo a reciclagem, deu mais uma pista.

João Hummel: [...] eu falo o seguinte, não é que eu sou contra o meio ambiente, eu sou contra o discurso que é feito... tá certo? [...] quer dizer, eu sou contra a forma como é feito o debate.

Giovana Girardi: "O discurso". "A forma como é feito o debate".

Tem mais uma universitária que eu quis ouvir aqui nessa reta final do Tempo Quente que estuda justamente como esse debate – ou a forma como o agro é retratado na mídia – impacta o entendimento da população sobre o que tá em jogo.

Myanna Lahsen: [...] é um assunto delicado [...] um desconforto...

Giovana Girardi: Essa é a Myanna Lahsen, antropóloga dinamarquesa e pesquisadora aqui no Brasil, no Inpe.

Por muitos anos a Myanna se debruçou sobre o negacionismo que rola nos Estados Unidos, avaliando o grau de conhecimento dos americanos sobre as mudanças climáticas.

Depois de um tempo, ela quis entender como seria a relação de um outro povo com o assunto. E aí ela veio investigar os brasileiros. Logo de cara a Myanna percebeu uma diferença importante.

Se nos Estados Unidos existe um negacionismo ligado aos combustíveis fósseis – os americanos com aqueles carros SUVs enormes são quase um clichê, né?

Por aqui, o negacionismo é muito mais ligado justamente ao setor rural.

O que é compreensível.

Pensa rápido comigo.

O que te vem à cabeça se eu te pedir pra imaginar as principais fontes de gases de efeito estufa no Brasil? Tá... pensando bem, é uma pergunta retórica quase... porque se você está comigo aqui desde o episódio 1, você já tá careca de saber que é o desmatamento e a atividade agropecuária...

Mas quando você come seu churrasco no fim de semana – ou comia, sei que o preço da carne tá pela hora da morte – você pensa em algum momento no impacto do consumo de carne pro aquecimento global?

Bom... eu não quero estragar o churrasquinho de ninguém a partir de agora, mas você já se ligou, né? Agora o que a Myanna observou nos estudos dela é que a gente, – no caso, a mídia – não tá ajudando muito em transmitir essa mensagem.

E isso, obviamente, impacta no comportamento da população.

Myanna Lahsen: [...] tem preconceitos culturais [...] e existe o discurso também cultivado na verdade, né, pelo... pelas grandes mídias e pelo lobby sim, mas que são absorvidos [...] Então, é difícil pra um pesquisador brasileiro de levantar esse assunto, porque o que eles vão ouvir é que não estão se havendo interesse nacional, [...] o país precisa, eh, dessa indústria pra um desenvolvimento, an, então essas ideias são muito fortes e têm sido muito nutridos, eh, disseminados, fortalecidos pelo Globo, o Agro é Pop, eh, tipo campanhas, então estão muito fortes na sociedade [...] eu tenho entrevistados os jornalistas ambientais, que também relatam que é complicado, como falam "não queremos ser os chatos", né, então quem levanta isso dentro de uma cultura que adora churrasco, eh... não é fácil.

Giovana Girardi: A Myanna avaliou a cobertura jornalística e os editoriais dos maiores jornais do Brasil, e viu que "o agro é pop" não só na Globo.

Myanna Lahsen: [...] um perfil muito positivo do agronegócio no Brasil, [...] esse discurso de "Agro é Pop", que é tudo de bom pra o país, como está beneficiando todo mundo. Essa é que é uma das perguntas que também não vimos, né? quem está se beneficiando mesmo desse modelo de desenvolvimento que está, eh, destruindo, eh, né, a natureza e muitas vidas também [...] quem é que está ganhando economicamente desse modelo? E que não é a maioria, né, não, então, como consumidor, ok, você pode escolher comer a carne [...] Então se tem um ganho que é econômico que é privado, pra poucas pessoas e, né, os danos, os prejuízos estão sendo pagos pelo país.

Giovana Girardi: Prejuízos, no caso, ao ambiente e ao clima, que no final, atingem

você, eu, todo mundo. Pra Myanna, tem uma diferença clara entre o lobby anti-clima nos Estados Unidos e no Brasil.

Myanna Lahsen: [...] nos Estados Unidos... o lobismo é mais ao aberto, é um sistema onde você tem, você vê a contestação mais, então os lobistas são forçados a manifestar seus interesses. No Brasil, o jogo eh, jogado mais em cima, numa escala mais alta, antes de chegar ao povo no Brasil os lobbies não precisam fazer isso, porque o sistema já está criado todo a favor deles. Você controla em grande medida as mídias, eh, você tem seus interesses muito defendidos dentro do governo, então o agronegócio nem precisa se mobilizar de forma óbvia.

Giovana Girardi: Bom, mas acho que dá pra dizer que nos últimos anos a coisa ficou mais óbvia, sim. Mais descarada.

Grandes empresas ligadas ao agronegócio, por exemplo, vêm promovendo palestras nos últimos anos pra dizer pros produtores rurais e pra gente do setor que o aquecimento global não existe.

Várias delas justamente com uma das estrelas do evento do general Villas-Bôas: o meteorologista Luiz Carlos Molion.

Nessa altura, acho justo se você tiver já meio deprimido comigo, pensando:

- o negacionismo tá se espalhando pelo Brasil
- a ação individual de poucos não adianta muita coisa...
- as indústrias, as empresas, que é quem pode fazer a diferença, ficam muitas vezes mais na propaganda do que na ação...
- a gente tem um governo que não faz nada pra mudar, pelo contrário...
- e mesmo se a gente conseguir mudar o governo, a gente vai precisar de muitas outras mudanças, estruturais mesmo...

Pois é... Eu também às vezes tenho vontade de sentar e chorar. Mas continua aqui refletindo comigo. Como é que a gente sai dessa? Porque não dá pra jogar a toalha, fingir que não tá acontecendo nada, e ir embora pra Miami ou pra Portugal. Ou ficar só chorando as pitangas no Twitter...

Olha só, eu queria te apresentar só mais uma pesquisa.

Juro que é a última. É que acho que ela traz mais uma pista importante.

Existe um parâmetro estudado na ciência política chamado: "índice de eficácia política".

Esse índice mede o sentimento que as pessoas têm de que elas são ouvidas pelos representantes políticos – e por outras pessoas com poder, como executivos, tomadores de decisão em geral.

Essa sensação de "eficácia política" tá intimamente ligada à "cultura cívica" de um país.

Que é você sentir que é respeitado, que a sua opinião é levada em conta, que você é consultado, que a sua reivindicação é ouvida...

Bom, eu imagino que não vai ser uma grande surpresa pra você se eu te disser que o índice brasileiro de "eficácia política" é baixo...

Por exemplo: é possível que você já tenha pensado em ir a uma manifestação, por exemplo, e depois pensado: "pra quê? que diferença vai fazer?" – meus parabéns se você foi mesmo assim, mas entendo o sentimento...

Uma das instituições que monitoram esse índice é o "Barômetro das Américas", e ele também tá linkado lá no site do Tempo Quente, não precisa se preocupar em anotar...

Agora: nada disso é coincidência, lógico.

Governos autoritários têm todo o interesse num povo apático, que não defende aquilo que acredita. Quer dizer, a não ser que seja pra defender o lado deles, né?

Só que também não é que o brasileiro não esteja botando a boca no trombone, né?

Uma das manifestações mais representativas dos últimos tempos pró-ambiente aconteceu em 9 de março de 2022 em Brasília.

Foi um mega evento, cheio de artistas – encabeçados pelo Caetano Veloso – e com presença massiva de lideranças indígenas e de ambientalistas.

Todo mundo ali pra protestar contra projetos de lei que podem afrouxar ainda mais a legislação ambiental do país.

E nem ficou só na manifestação, no show... os representantes do grupo que organizou o protesto foram até STF pra conversar com os ministros do Supremo, foram recebidos pelo Rodrigo Pacheco, o presidente do Senado, que deu uma sinalização positiva, de que tudo ia ser discutido com calma...

Só que, pouco tempo depois... alguns dos projetos alvo dos protestos foram colocados às pressas pra votação no Congresso.

Quer dizer: difícil ter um sentimento forte de "eficácia política" quando a realidade não tá colaborando, né?

Ao longo aqui desses 8 episódios do Tempo Quente, a gente ouviu como se

articulam os interesses contra uma agenda mais protetiva ao meio ambiente.

Mas você deve lembrar que um dos meus objetivos quando eu quis fazer essa série, que eu deixei claro lá no primeiro episódio, era "aprender com esses caras".

"Esses caras", no caso, eram os lobistas.

Eu lembro que eu falei também já no primeiro episódio: "a gente pensa em lobby, pensa logo em 'maracutaia'".

E de fato a gente viu tanta barbaridade emplacada à luz do dia e por todos os canais, entre aspas, "certinhos", que nem precisa ser uma coisa, assim, debaixo dos panos.

Mas não é só isso.

O lobby, na essência, é uma ferramenta legítima de pressão política.

De unir forças de um determinado grupo de pessoas interessadas e armar uma estratégia de ação: de pressionar parlamentares, de mobilizar a opinião pública, enfim, de ser ouvido... de ser levado em conta na tomada de decisões.

Que é, justamente, a sensação de "eficácia política".

Mas outra pergunta que eu tinha era, por que que alguns lobbies levam mais do que outros? E a gente ouviu aqui muitas das estratégias dessa turma peso-pesado que tá conquistando tudo: simplificar o discurso, gerar dúvidas sobre os fatos científicos, escolher as palavras e dados a serem apresentados – nem que pra isso seja preciso distorcer uma coisa aqui e ali – conquistar corações e mentes...

Será que são caminhos que o outro lado poderia seguir?

A turma do ambientalismo é até boa em fazer barulho, mobilizar protestos. Fico aqui pensando nas grandes marchas do clima lideradas pela Greta Thunberg, por exemplo.

Só que isso, sozinho, ao menos no Brasil, não tem sido o bastante.

Sobre isso, teve uma reflexão que eu ouvi aqui de uma das entrevistadas do Tempo Quente que me chamou a atenção... foi da Izabella Teixeira, a ex-ministra do Meio Ambiente.

Izabella Teixeira: Eu acho que o Código Florestal mostrou uma coisa muito sensível para todos nós da área ambiental. Nós não temos base política. O rei ficou nu na área ambiental. Não é porque aprovou um Código Florestal ou que você mexeu nisso, mexeu naquilo. A evidência política é que a área ambiental não tinha voto. Que continua até hoje. [...] nós temos uma grande capacidade de mobilizar a mídia, nós estávamos diariamente na mídia [...] O que ficou claro? Que a área

ambiental tinha um grande apelo internacional, a gente tocava bumbo no mundo inteiro [...] tínhamos uma capacidade de discutir, de mobilizar na direção certa [...] Não tínhamos voto. O que ficou evidente no Congresso [...] é que nós não temos base política para lidar com as demandas políticas sobre a área ambiental.

Giovana Girardi: Quer dizer: se o brasileiro é preocupado com o meio ambiente, o tema não parece estar nas prioridades na hora do voto...

E ele certamente não tá elegendo ou tá elegendo poucos representantes que pensam da mesma maneira.

Talvez também porque faltem mais candidatos de peso com essas bandeiras.

Os deputados e senadores que tão no Congresso tão votando de acordo com os interesses das bases deles, e com os próprios interesses pessoais e de quem os financia.

Com o que eles acham que vai render voto e a continuidade deles no poder.

Só que esse é um jogo de forças que, mesmo se o ambientalismo aumentar a representatividade no Congresso, ainda vai continuar acontecendo.

O João Hummel, do Pensar Agro, já tinha descrito essa fórmula.

João Hummel: todo mundo reclama do fundo eleitoral, todo mundo reclama dos parlamentares, mas todo mundo quer uma coisa barata, mas democracia é caro. Você ter um fórum de debate, de construção, de evolução de conceitos, de ideias, tá certo, custa caro. Deslocamento, aproximação, reuniões, organização, estrutura... Pra ter isso é caríssimo. Não cai do céu, tá certo? A comunicação do parlamentar, entender qual é a opinião da sociedade, se aquilo vai dar voto pra ele, se ele consegue vender que aquele voto que ele tá dando realmente vai ter um benefício pro cidadão... é difícil de fazer isso dentro de um entendimento. E custa caro, tá certo?

Giovana Girardi: Ou seja: pra jogar de igual pra igual, vai custar caro. Mas custa bem mais caro remediar as consequências da crise climática. Se é que vai dar tempo...

Eu sei da resistência que a gente tem de botar mais dinheiro na política, de como o fantasma da corrupção gira em torno de tudo o que diz respeito a política no Brasil. Mas é aquela história de não jogar a dúzia inteira fora porque a gente achou um ovo podre... ou dois, ou três... enfim

Tem que ter compliance, tem que ter fiscalização, tem que ter prestação de contas – e tudo isso dá trabalho, mas não quer dizer que não pode valer a pena.

E quem paga essa conta?

Deborah Danowski: Então, alguns, sim, alguns atores, eu tô chamando de atores, chamam de players nesse vocabulário horrível neoliberal. Já estão, digamos assim, abrindo espaço dentro da sua visão de mundo, não por motivos altruístas, mas porque eles precisam, são obrigados a fazer isso, pra incluir a preocupação com as mudanças climáticas [...].

Giovana Girardi: Quer dizer: não é só o ambientalista, o "aquecimento" que vai se dar mal na crise climática. Todo mundo vai.

Então, que tal os players, os "atores", como você quiser chamar... Que tal eles darem uma forcinha nessa? Só não pode ficar só no discurso, né?

Colocar uma grana em meia dúzia de patinetes pelas cidades e achar que "tá pago" o compromisso cívico...

Ou, como empresário, se gabar de seguir a nova sigla da moda, a tal E-S-G — que prega o respeito ao ambiente, ao social e à governança —, mas não cobrar que as políticas de Estado estejam de acordo com essa premissa.

Agora: se você, que nem eu, não é faria limer, se não tem grana pra jogar num "Instituto Pensar Ambi"... que que a gente faz?

Bom, primeiro de tudo, o compromisso cívico que ainda é obrigatório aqui no Brasil: votar.

Votar consciente, estudar propostas, estudar currículo, estudar histórico dos candidatos... e não só pros cargos executivos — de presidente, governador, prefeito —, mas também pro legislativo, pra senador, deputado estadual, federal, vereador.... É no Congresso, como a gente viu ao longo deste podcast, que a pauta anti-ambientalista ganhou força nos últimos anos.

Votar é um direito, um dever e uma responsabilidade — da qual abrir mão anulando, votando em branco, justificando... é a maior furada. Depois não adianta reclamar.

Mas outra coisa tão importante quanto é pressionar. É não esquecer da política assim que a eleição passar.

É se informar, é escrever abaixo-assinado, fazer vaquinha, apoiar as iniciativas que você sabe que são sérias... é ir pra rua, é protestar... É ir além das ações individuais e dar um passo rumo à ação coletiva.

É até se candidatar a um cargo público, por que não?

É descobrir uma porção de outras estratégias que eu não elenquei aqui.

Não tem receita pronta. Dá trabalho. É desconfortável.

Mas a alternativa é muito pior.

Tempo Quente é um podcast original da Rádio Novelo, produzido com apoio do Instituto Clima e Sociedade e da Samambaia Filantropias.

Eu, Giovana Girardi, apresento, faço a reportagem e assino o roteiro com a Paula Scarpin – com o apoio da Bárbara Rubira, da Flora Thomson-DeVeaux e do Arnaldo Branco.

A coordenação do projeto é da Ana Magalhães e da Bárbara Rubira, que também fez produção com a Marcelle Darrieux.

A gente teve a consultoria da Cristina Amorim e do Claudio Angelo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Branca Vianna, e a direção executiva é do Guilherme Alpendre.

A música original foi composta pelo Arthur Kunz.

A edição é do Lucca Mendes e a sonorização é da Paula Scarpin e da Júlia Matos.

A direção de locução é da Mika Lins. Nós gravamos na Confraria de Sons e Charutos.

Nossos transcritores foram Laura Rellstab, Nathalia Atayde, Bel Baroni, Guilherme Póvoas, Nino Bloch e Rodolfo Vianna.

A checagem é do Emerson Kimura. A mixagem foi feita pela Pipoca Sound.

A estratégia de promoção e distribuição fica por conta da Juliana Jaeger e da FêCris Vasconcellos. As redes sociais são da Bia Ribeiro e do Eduardo Wolff, com o designer Mateus Coutinho. A edição do nosso conteúdo em vídeo é da Thais Fernandes.

Nossa identidade visual foi elaborada pela Natasha Gompers, e o nosso site foi feito pela Paula Carvalho e pela Amanda Gedra.

Neste episódio, usamos áudios da TV Globo e do Instituto General Villas Boas.

Ao longo de todo esse podcast eu ouvi mais de uma centena de pessoas. Muitas me ajudaram a encontrar as informações, os dados, os argumentos, mas acabaram não aparecendo nos episódios. Então queria deixar um agradecimento especial a todo mundo que me deu alguns minutinhos ou até algumas horas do seu tempo para construir o Tempo Quente.

E, claro, agradeço também a você, que me acompanhou aqui nesses oito episódios.